



il
PIERRE TEILHARD DE CHARDIN

O FENÓMENO HUMANO



EDITORA HERDER SÃO PAULO

PRÓLOGO

VER

ESTAS páginas representam um esforço para *ver e fazer ver* o que vem a ser e o que exige o Homem se o colocamos, todo inteiro e até ao fim, no quadro das aparências.

Porque procurar ver? E porque fixar especialmente o nosso olhar sobre o objecto humano?

Ver. Poder-se-ia dizer que toda a vida consiste em ver, — senão finalmente, pelo menos essencialmente. Ser mais é unir-se mais: tais serão o resumo e a própria conclusão desta obra. Mas, como verificaremos ainda, a unidade não aumenta senão sustentada por um acréscimo de consciência, isto é de visão. Eis porque, sem dúvida, a história do Mundo vivo se reduz à elaboração de olhos cada vez mais perfeitos no seio de um Cosmo onde é possível discernir cada vez mais. A perfeição de um animal, a supremacia do ser pensante, não se avaliarão pela penetração e pelo poder sintético do seu olhar? Procurar ver mais e melhor não é, pois, uma fantasia, uma curiosidade, um luxo. Ver ou perecer. Tal é a situação imposta pelo dom misterioso da existência a tudo quanto é elemento do Universo. E tal é, por consequência, num grau superior, a condição humana.

Mas, se conhecer é verdadeiramente tão vital e beatificante, porque dirigir, insisto, a nossa atenção de preferência para o Homem? Não estará já o Homem suficientemente descrito? Não será ele suficientemente enfadonho? E não consistirá precisamente um dos atractivos da Ciência em des-

viar os nossos olhos e pousá-los sobre um objecto que deixe enfim de ser nós próprios ?

Por dupla razão, que duas vezes o faz centro do Mundo, o Homem impõe-se ao nosso esforço para ver, como chave do Universo.

Subjectivamente, e antes de mais, somos inevitavelmente *centro de perspectiva*, em relação a nós mesmos. Terá sido candura, provavelmente necessária, da Ciência nascente, imaginar que podia observar os fenómenos em si, como se se desenrolassem independentemente do nós próprios. Instintivamente, físicos e naturalistas operaram a princípio como se o seu olhar mergulhasse do alto sobre um Mundo que a sua consciência podia penetrar sem ser marcada por ele e sem o modificar. Começam agora a perceber que as suas observações mais objectivas estão todas impregnadas de convenções escolhidas de início, e também das formas ou maneiras habituais de pensar desenvolvidas no decurso do processo histórico da Investigação. Chegados ao extremo das suas análises, já não sabem dizer se a estrutura por eles atingida é a essência da Matéria que estudam ou então o reflexo do seu próprio pensamento. E simultâneamente lembram-se que, por um contragolpe das suas descobertas, eles próprios se encontram envolvidos, corpo e alma, na rede das relações que pensavam lançar de fora sobre as coisas : apanhados na sua própria armadilha. Metamorfismo e endomorfismo, diria um geólogo. Objecto e sujeito aliam-se e transformam-se mutuamente no acto de conhecimento. Quer queira quer não, a partir de então, o Homem encontra-se e olha-se a si próprio em tudo o que vê.

Eis uma servidão, mas imediatamente compensada por uma segura e única grandeza.

Para um observador, é simplesmente banal, e até constrangedor, transportar consigo, para onde quer que vá, o

centro da paisagem que atravessa. Mas que acontece ao caminhante se o acaso do passeio o leva a um ponto naturalmente propício (cruzamento de estradas ou de vales), a partir do qual não somente o olhar, mas as próprias coisas irradiam ? Então, coincidindo o ponto de vista subjectivo com uma distribuição objectiva das coisas, a percepção estabelece-se na sua plenitude. A paisagem decifra-se e ilumina-se. Vemos.

Tal parece ser o privilégio do conhecimento humano.

Não é necessário ser-se homem para aperceber os objectos e as forças « em círculo » à sua volta. Todos os animais se encontram neste caso, tal como nós próprios. Mas é próprio do Homem ocupar na Natureza uma posição tal que esta convergência de linhas não é apenas visual, mas estrutural. As páginas que se seguem nada mais farão do que verificar e analisar este fenómeno. Em virtude da qualidade e das propriedades biológicas do Pensamento, encontramos-nos colocados num ponto singular, num nó, que domina a fracção inteira do Cosmo actualmente aberta à nossa experiência. Centro de perspectiva, o Homem é ao mesmo tempo *centro de construção* do Universo. Tanto por conveniência como por necessidade, é pois a ele que, finalmente, toda a Ciência tem de ser referida. — Se, verdadeiramente, ver é ser mais, olhemos o Homem, e viveremos mais.

E para isso acomodemos correctamente a nossa vista.

Desde que existe, o Homem oferece-se em espectáculo a si próprio. De facto, há dezenas de séculos que outra coisa não faz senão olhar-se a si mesmo. E no entanto, mal começa a adquirir uma visão científica da sua significação na Física do Mundo. Não nos admiremos desta lentidão no despertar. Muitas vezes, nada há tão difícil de perceber como o que deveria « saltar-nos aos olhos ». Não precisa a criança de uma educação para separar as imagens que assediavam a sua retina recém-aberta ? Ao Homem, para total-

mente descobrir o Homem, era necessária toda uma série de «sentidos», cuja aquisição gradual, como teremos ocasião de dizer, abrange e ritma a própria história das lutas do Espírito.

Sentido da imensidade espacial, na grandeza e na pequenez, que desarticule e espaceje, no interior de uma esfera de raio indefinido, os círculos dos objectos comprimidos à nossa volta.

Sentido da profundidade, que repila laboriosamente, ao longo de séries ilimitadas, através de distâncias temporais desmedidas, acontecimentos que uma espécie de gravidade tende continuamente a comprimir para nós numa ténue folha de Passado.

Sentido do número, que descubra e aprecie sem pestanejar a multidão alucinante de elementos materiais ou vivos implicados na menor transformação do Universo.

Sentido da proporção, que avalie tanto quanto possível a diferença de escala física que separa, nas dimensões e nos ritmos, o átomo da nebulosa, o ínfimo do imenso.

Sentido da qualidade, ou da novidade, que chegue, sem destruir a unidade física do Mundo, a distinguir na Natureza escalões absolutos de perfeição e de crescimento.

Sentido do movimento, capaz de perceber os irresistíveis desenvolvimentos que se ocultam nas mais frouxas lentidões, — a extrema agitação que se dissimula sob um véu de repouso, — o inteiramente novo que se insinua no íntimo da repetição monótona das mesmas coisas.

Sentido do orgânico, enfim, que descubra as ligações físicas e a unidade estrutural sob a justaposição superficial das sucessões e das colectividades.

À falta destas qualidades no nosso olhar, o Homem permanecerá indefinidamente para nós, por mais que se faça para nos fazer ver, o que ele ainda é para tantas inteligên-

cias: um objecto errático num Mundo desconjuntado. — Esvaneça-se, pelo contrário, da nossa óptica a tríplice ilusão da pequenez, do plural e do imóvel, e o Homem virá ocupar sem esforço o lugar central que anunciávamos: cume momentâneo de uma Antropogénese que, por sua vez, coroa uma Cosmogénese.

O Homem não pode ver-se completamente fora da Humanidade; nem a Humanidade fora da Vida; nem a Vida fora do Universo.

De onde o plano essencial deste trabalho: a Pré-Vida, a Vida, o Pensamento, — três acontecimentos que desenham no Passado e determinam para o Futuro (a Sobrevida!) uma só e única trajectória: a curva do Fenómeno humano.

Fenómeno humano, — digo bem.

Esta expressão, não a emprego ao acaso. Por três razões a escolhi.

Primeiro, para afirmar que o Homem, na Natureza, é verdadeiramente um facto que releva (pelo menos parcialmente) das exigências e dos métodos da Ciência.

Em seguida, para fazer compreender que, entre os factos que se oferecem ao nosso conhecimento, nenhum é mais extraordinário nem mais iluminante.

Finalmente, para insistir bem sobre o carácter especial do ensaio que apresento.

O meu único fim, e a minha verdadeira força, no decurso destas páginas, é simplesmente, repito, procurar *ver*, isto é desenvolver uma perspectiva *homogénea e coerente* da nossa experiência geral extensiva ao Homem. Um conjunto que se desdobra.

Não se busque, pois, aqui uma explicação última das coisas — uma metafísica. E que também ninguém se equivoque acerca do grau de realidade que eu confiro às diferentes partes do filme que apresento. Ao tentar dar uma

ideia do Mundo antes das origens da Vida, ou da Vida no Paleozóico, não esquecerei que haveria contradição cósmica em conceber um Homem como espectador destas fases anteriores ao aparecimento de qualquer Pensamento sobre a Terra. Não me proporei, pois, descrevê-las como foram realmente, mas como devemos imaginá-las a fim de que, neste momento, o Mundo seja verdadeiro para nós: o Passado, não em si, mas tal como aparece a um observador situado no cume avançado onde nos colocou a Evolução. Método seguro e modesto, mas suficiente, como veremos, para fazer surgir por simetria, para a frente, surpreendentes visões do Futuro.

Bem entendido, mesmo reduzidas a estas humildes proporções, as considerações que tento exprimir aqui são em grande parte tentativas, e tentativas pessoais. O que é certo, porém, é que, apoiadas num considerável esforço de investigação e numa reflexão prolongada, elas dão uma ideia, com um exemplo, da maneira como se põe hoje, no plano da Ciência, o problema humano.

Estudado estritamente em si mesmo pelos antropólogos e pelos juristas, o Homem é uma coisa mínima, e até amesquinhadora. A sua individualidade, por de mais vincada, dissimula aos nossos olhos a Totalidade e, por isso, o nosso espírito, ao considerá-lo, é levado a parcelar a Natureza e a esquecer as ligações profundas e os desmedidos horizontes desta última: todo o *mau* antropocentrismo. Donde a tendência, ainda sensível nos sábios, em não aceitar do Homem, como objecto da Ciência, senão o seu corpo.

Chegou o momento de reconhecer que uma interpretação, mesmo positivista, do Universo deve, para ser satisfatória, abranger tanto o « dentro » como o « fora » das Coisas — tanto o Espírito como a Matéria. A verdadeira Física

é aquela que conseguir um dia integrar o Homem total numa representação coerente do Mundo.

Oxalá eu possa fazer sentir nesta obra que esta tentativa é possível e que dela depende, para quem quer e sabe ir ao fundo das coisas, a conservação em nós mesmos da coragem e da alegria de agir.

Na verdade, duvido que haja, para o ser pensante, minuto mais decisivo do que aquele em que, caindo-lhe a venda dos olhos, descobre que não é um elemento perdido nas solidões cósmicas, mas que uma universal vontade de viver nele converge e se hominiza.

O Homem, não centro estático do Mundo — como ele se julgou durante muito tempo; mas eixo e flecha da Evolução — o que é muito mais belo.